

Palavras e imagens: o acesso ao mundo

– Na sorveteria Gatão o sorvete é bom porque tem gosto igual da cor. Para você carne tem gosto de carne?
– Às vezes.
– Duvido! Só quero ver: da carne pendurada no açougue?
– Não.
– E nem da carne que a gente fala. Não tem gosto de quando você diz que carne tem vitamina.”

(Clarice Lispector)

“Palavras, coisas etéreas e fracas, meros sons. No entanto, é delas que o nosso corpo é feito. O corpo é a carne e o sangue metamorfoseados pelas palavras que aí moram. (...) O corpo é a Palavra que se fez carne: um ser leve que voa por espaços distantes, por vezes mundos que não existem, pelo poder do pensamento. Pensar é voar.”

(Rubem Alves)

Uma das coisas que tornam o homem diferente de todos os outros animais é a linguagem. Como nos diz Rubem Alves, as palavras nos transportam para outros mundos, outros tempos e espaços. Elas nos fazem voar. O poeta diz ainda: “é delas que o nosso corpo é feito”.

Mas o que são as palavras? Teriam mesmo elas tanto “poder”? De que modo elas “metamorfoseiam nossa carne e sangue, compondo nosso corpo”? Como, por meio delas, adquirimos o “dom de voar”? De que modo a linguagem nos “transporta” para tantos universos? Como os pensamentos conseguem nos deslocar no espaço e no tempo?

As palavras são muito mais do que agrupamentos de letras e sons. Elas carregam em si imagens, idéias, sentidos diversos, e cada uma delas pode nos remeter a muitas outras, e estas a outras mais.

Entretanto, estas imagens e conexões a que nos remetem as palavras não são fornecidas automaticamente por elas. Estas associações vão sendo construídas a partir da utilização da linguagem na comunicação social, em diferentes contextos, nos quais um mesmo termo pode ganhar sentidos diversos.

Assim, se somos capazes de “voar pelo pensamento”, é porque ele é composto por palavras, e, cada vez que uma delas é lembrada, estas imagens e conexões tornam-se disponíveis.

No diálogo apresentado por Clarice Lispector, as personagens – um menino e sua mãe – conversam sobre os significados contidos na palavra “carne”. Para o garoto, a palavra só faz sentido se ela tiver uma relação direta com seu significado, que, neste caso, remete a sensações. Quando ele pergunta “Carne tem gosto de carne?”, e depois, ao dizer “E nem da carne que a gente fala. Não tem gosto de quando você diz que carne tem vitamina”, mostra, de forma singela, como as palavras são “saboreadas” pelas crianças, enquanto buscam encontrar significados.

No capítulo anterior, pudemos constatar que os desenhos apresentam uma grande relação com a linguagem verbal, e que são representações de como as crianças vêem o mundo. Embora desenho e fala constituam linguagens diferentes, ambos ocupam, neste trabalho, quase o mesmo *status*, uma vez que pressuponho que a integração dessas duas formas de expressão é de fundamental importância para a compreensão de como as crianças pensam e atribuem significados aos seres vivos.

Torna-se necessário, portanto, um maior aprofundamento nos referenciais que tratam da linguagem verbal, a fim de se ter subsídios para a análise das falas.

Segundo Vygotsky (2003), a linguagem exerce diversas funções no processo de desenvolvimento cognitivo. Com a aquisição da linguagem, há alterações significativas na capacidade de atenção, na memória, no controle do comportamento, na resolução de problemas práticos, na imaginação e nas interações sociais.

Desde o nascimento, o homem está inserido no mundo da linguagem. Os bebês recebem um nome e interagem com adultos e outras crianças, que, por sua vez,

falam com aqueles e atribuem nomes aos objetos e pessoas do entorno. Apesar disso, o mundo é percebido, primeiramente, por meio dos sentidos, pois, muito antes de falar ou compreender os significados das palavras, as crianças observam os cheiros, sabores, sons, texturas e imagens, reagindo a esses estímulos de maneiras diversas. (Vygotsky, 2003; Piaget, 1995 ; Galvão, 2002)

Esses contatos sensoriais com o mundo – particularmente, os visuais – proporcionam uma percepção simultânea de vários elementos independentes, como se no ambiente estivessem todos relacionados entre si.

O desenvolvimento da fala torna possível a percepção seqüencial do ambiente, ou seja, os elementos que são percebidos, visualmente, todos ao mesmo tempo podem ser, por meio da linguagem, separados e agrupados, de modo a permitir uma nova organização das informações. (Vygotsky, 2003)

Isso ocorre porque a aprendizagem da fala implica a apropriação dos significados das palavras. Cada palavra, no ato comunicativo, desempenha a função de substituto dos elementos visuais disponíveis no ambiente. (Vygotsky, 1998)

Conforme afirma o autor,

“pelas palavras, as crianças isolam elementos individuais, superando, assim, a estrutura natural do campo sensorial e formando novos (introduzidos artificialmente e dinâmicos) centros estruturais. A criança começa a perceber o mundo não somente através dos olhos, mas também da fala. Como resultado, o imediatismo da percepção ‘natural’ é suplantado por um processo complexo de mediação: a fala como tal torna-se parte essencial do desenvolvimento cognitivo da criança.” (Vygotsky, 2003; p.43)

Essas alterações nas capacidades perceptivas interferem diretamente no campo de atenção da criança, uma vez que, com o desenvolvimento da linguagem, surge a capacidade de delimitar, dentre os elementos presentes no campo visual e

temporal, aqueles que lhe interessam, ou seja, os que para ela têm algum significado. A partir daí, o campo visual fica submetido ao campo da atenção e não mais o contrário. (Vygotsky, 2003)

De acordo com ele,

“tudo leva a crer que a distinção qualitativa entre a sensação e o pensamento seja a presença, nesse último, de reflexo generalizado da realidade, que é também a essência do significado da palavra; e, conseqüentemente, que o significado é um ato de pensamento, no sentido pleno do termo. Mas, ao mesmo tempo, o significado é parte inalienável da palavra como tal, e dessa forma pertence tanto ao domínio da linguagem quanto ao domínio do pensamento.”
(Vygotsky, 1998; p. 6)

O domínio da linguagem também possibilita que as crianças tenham mais controle sobre seu próprio comportamento e sobre o ambiente, já que adquirem, com o uso das palavras, a capacidade de analisar o que está à sua volta e de prever o que vão fazer, ou seja, de planejar suas ações antes de executá-las.

“A palavra tem papel na organização da percepção; através do signo verbal, o adulto recorta a percepção da criança, orientando sua atenção para um determinado objeto ou ação. A criança age seguindo estes comandos verbais, que reorganizam sua atenção e ordenam seu comportamento. Aos poucos, a própria criança passa a dirigir seu comportamento, pela internalização da linguagem”
(Silva, 2002; p. 28)

As crianças pequenas costumam falar enquanto desenhavam. De acordo com Vygotsky (2003), nesta fase da vida ocorre integração entre a fala e o raciocínio prático, ou seja, as crianças pequenas precisam falar para conseguir realizar tarefas práticas que apresentam alguma dificuldade. Quanto maior a complexidade do

problema, maior a intensidade de fala. Um dos exemplos de atividade prática mencionada pelo autor é o ato de desenhar.

Nestes casos, os desenhos desempenham tanto o papel de estimular as falas como o de complementá-las, o que evidencia os elementos que permaneceram no campo de atenção das crianças e em suas lembranças.

Para solucionar problemas práticos, como, por exemplo, realizar um desenho, as crianças tanto podem falar para si mesmas (fala egocêntrica), quanto falar com outras pessoas (fala socializada ou comunicativa). (Vygotsky, 2003)

O autor afirma que

“a fala egocêntrica das crianças deve ser vista como uma forma transitória entre a fala exterior e a interior. Funcionalmente a fala egocêntrica é a base para a fala interior, enquanto que na sua forma externa está incluída na fala comunicativa.

(...) é importante lembrar que a fala egocêntrica está ligada à fala social das crianças através de muitas formas de transição.” (p. 36)

Assim, para as crianças, a fala exerce papel de “ferramenta” para ajudá-las a solucionar atividades práticas, ora na forma egocêntrica, ora na forma socializada.

As crianças sofrem muitas interferências em seus campos de atenção por parte dos adultos, que desempenham papel de mediadores entre elas e os conhecimentos. Além disso, ao interagirem, as crianças interferem nos campos de atenção umas das outras, e os desenhos, quando realizados em situações coletivas, são também produtos destas interações.

As interações possibilitam que as crianças tenham oportunidades de organizar suas idéias de formas diferentes daquelas que ocorreriam individualmente, já que, nestas situações, a fala comunicativa pode ocorrer com maior frequência.

Durante a elaboração dos desenhos, as crianças acessam suas memórias, recuperando lembranças que são atualizadas e reordenadas. Habitualmente, a criança utiliza a fala egocêntrica (fala para si mesma), durante todo esse processo.

Mesmo sem a intenção de comunicar-se com outros colegas, essa fala pode tornar-se socializada, quando outra criança a escuta e, a partir daí, lembra-se de algo que estava esquecido.

As produções gráficas resultantes são combinações de elementos visuais – disponibilizados em diferentes ocasiões –, de elementos memorizados pelos indivíduos e de interferências que as crianças exercem umas sobre as outras. Todos esses fatores reúnem-se em um único campo de atenção, podendo ser percebidos nos desenhos, já que estes consistem em uma repetição transformadora da realidade.

Esta união de elementos de diferentes campos visuais e temporais, durante a representação gráfica, proporciona a criação de novas combinações entre os elementos da realidade, resultando novas realidades, evidenciadas por meio dos desenhos e das interações verbais. Tudo isso constitui a capacidade imaginativa da criança.

Conforme as idéias de Vygotsky (2003), para as crianças pequenas, pensar é sinônimo de recordar. Ele afirma que

“a memória da criança não somente torna disponíveis fragmentos do passado como, também, transforma-se num novο método de unir elementos da experiência passada com o presente.”

(p. 48 – grifo do autor)

Vygotsky (2000) afirma que a imaginação está na base de todas as produções culturais do homem, e que toda criação necessita de uma grande participação da memória, uma vez que tudo é criado com base no que já é conhecido.

Durante o desenvolvimento de projetos didáticos, as crianças vivenciam diversas atividades, tais como: observações diretas, consultas a livros, brincadeiras,

produções artísticas, apreciação e releitura de obras de arte, passeios e rodas de conversa. Quando produzem desenhos, com o intuito de representar os assuntos tratados nestes projetos, elas se utilizam de suas memórias sobre tais vivências.

A importância deste fato é apontada por Vygotsky (2000):

“A atividade criadora da imaginação se encontra em relação direta com a variedade da experiência acumulada pelo homem, porque esta experiência é o material com que ele ergue seus edifícios de fantasia. Quanto mais rica for a experiência humana, maior será o material de que dispõe esta imaginação.” (p. 17 – tradução minha)

O autor ressalta, ainda, que, muitas vezes, nossas lembranças podem despertar sentimentos que nos levam a outras recordações. Desta forma, imagens que, aparentemente, não apresentam nenhuma associação podem ser vinculadas emocionalmente.

Ao mencionar o processo de produção de obras de arte, Vygotsky (2000) chama atenção para o fato de que a combinação entre imagens da fantasia não ocorre ao acaso, pois são organizadas conforme uma lógica interna, que apresenta uma coerência entre a própria obra e o mundo exterior.

Salienta que o fenômeno de dissociação – mecanismo pelo qual os elementos da realidade são separados em partes que podem ser memorizadas ou ignoradas – acontece por meio da subestimação ou superestimação de características isoladas, o que interfere diretamente no processo de criação. Daí, é freqüente que, em suas brincadeiras e outras produções imaginárias, as crianças exagerem alguns aspectos que para elas são importantes – por exemplo, quando exibem suas capacidades motoras como pular “altão”, correr “muito rápido” ou já ser “graaaande”. Esses atributos isolados são, então, associados entre si de formas diferentes daqueles encontrados na realidade.

De acordo com o autor,

“o afã das crianças por exagerar, que é o mesmo afã dos adultos, tem uma raiz interna muito funda, devida em grande parte à influência que nosso sentimento interno exerce sobre as impressões exteriores. Exageramos porque gostaríamos de ver as coisas aumentadas de acordo com nossas necessidades, o nosso ânimo interno.” (Vygotsky, 2000; p. 33 – tradução minha)

Ao desenharem, as crianças também fazem combinações entre imagens, consoante suas fantasias ou relações afetivas que foram estabelecendo com os conhecimentos, e, para compreendermos seu processo de significação, é importante conseguirmos apreender a lógica interna que cada uma delas utiliza para proceder ao casamento de imagens. Portanto, encontraremos, possivelmente, evidências de dissociação, de exageros e de novas associações.

Vale lembrar que a atividade criadora se processa a partir dos elementos disponíveis na cultura e dentro de um contexto social determinado, o que implica dizer que toda criação nasce do que já foi criado anteriormente.

“Por mais individual que pareça, toda criação encerra sempre em si um coeficiente social. Neste sentido, não há inventores individuais no estrito senso da palavra, em todos eles, há sempre uma participação anônima.” (Vygotsky, 2000; p. 38 – tradução minha)

Para Vygotsky, a necessidade de criar está diretamente relacionada à ambiência. Ambientes muito simples geram poucas necessidades de realizações criativas nas pessoas que aí vivem, ao passo que ambientes mais complexos são mais propícios para atividades criadoras.

Convém reiterar a necessidade de conhecer bem o contexto em que o projeto “Pequenos Animais” foi desenvolvido, no que diz respeito ao nível de complexidade do ambiente em que os desenhos foram produzidos.

Neste trabalho, estamos estudando a atribuição de significados sobre um tema específico. Em vista disso, é preciso que nos detenhamos um pouco no estudo da formação de conceitos.

Vygotsky (1998) sustenta que, apesar da capacidade de formular conceitos verdadeiros surgir apenas durante a adolescência, as crianças apresentam, desde muito cedo, processos que contribuem para o desenvolvimento dessa capacidade, como, por exemplo, a faculdade que possuem para agrupar objetos, idéias ou informações, a partir da escolha de critérios que, sucessivamente, aproximam-se, mais e mais, daqueles utilizados para a formulação de conceitos verdadeiros.

No início da vida, o agrupamento ocorre de forma desorganizada, sem que haja critério diretamente relacionado às características dos objetos. Trata-se dos chamados “amontoados”. Posteriormente, as associações entre diferentes elementos se dão não apenas a partir das impressões pessoais da criança, mas também com base em alguns aspectos reais dos objetos. É o que Vygotsky (1998) chama de “pensamento por complexos”. No decorrer do crescimento, os critérios de agrupamento tornam-se mais refinados, até chegar a um tipo de complexo denominado de “pseudoconceito”, que se assemelha muito aos conceitos dos adultos, no que concerne à estrutura, embora seja construído de forma bastante diferente.

Esses níveis de aproximação entre o pensamento infantil e os conceitos formais dos adultos podem ser evidenciados quando as crianças se expressam utilizando diferentes linguagens para representar determinado assunto.

Dessa forma, a análise de desenhos e falas produzidos por crianças, durante o desenvolvimento de um projeto, pode indicar quais são suas idéias sobre o tema tratado e como ordenam as informações na formação de complexos ou pseudoconceitos.

É importante enfatizar que a aproximação sucessiva dos conceitos verdadeiros acontece por meio de interações sociais. Vygotsky (1998, 2003) afirma haver uma distância entre o que as crianças sabem, em determinado momento da vida, e o que elas poderiam saber, caso fossem ajudadas por um adulto ou

realizassem tarefas em colaboração com seus pares. A distância entre esses dois níveis é o que ele denomina de zona de desenvolvimento proximal (ZDP).

Pode-se dizer que, durante o desdobramento de um projeto de ciências, as aproximações sucessivas entre os conhecimentos das crianças e os conceitos formais dos adultos ocorrem por meio das interações das crianças entre si e das mediações feitas pelo educador. Embora estas aproximações se processem em âmbito individual, é pelo trabalho coletivo que elas se tornam possíveis, uma vez que o estímulo da ZDP surge nas interações. Portanto, os desenhos produzidos atuam tanto como estimuladores da ZDP – já que se tornam motivo para o diálogo entre as crianças –, quanto são produtos deste estímulo.

Por essa razão, os desenhos resultantes de atividades individuais serão, provavelmente, muito diferentes daqueles confeccionados em situações coletivas, em que houve interações de linguagem, pois, ao falarem enquanto desenhavam, as crianças interferem umas nas ZDPs das outras, desencadeando processos que não poderiam evoluir individualmente.

A partir dessa discussão sobre o papel da linguagem na atribuição de significados, analisarei os dados com a intenção de identificar os seguintes aspectos: informações memorizadas e sua permanência no campo de atenção das crianças; utilização de recursos imaginários para reorganizar a realidade conhecida; interferências nas ZDPs ocorridas durante as interações.